



Figura 41. Entrega de lembranças aos palestrantes. Na foto da esquerda para direita, o Dr. Augusto Leal (Diretor do Forte da Capoeira) e Antônio Cosme, representante da Secretaria Municipal da Reparação, Mestre Jararaca e Mestre Curió. Alguns alunos da ECAIG recebem uma lembrança como reconhecimento pelo empenho e dedicação à escola. Também visitantes de outras escolas e academias de capoeira são agraciados. Arquivo: Amélia Conrado

É sexta-feira; missa em homenagem à memória de Pastinha, aniversário da escola e de mestre Curió, a celebração acontece na Igreja de São Francisco no Pelourinho, anteriormente, era na do Rosário dos Pretos. Para essa atividade, as crianças e adolescentes que são alunos do Mestre Curió no Instituto Araketo, subúrbio ferroviário em Periperi, vêm de ônibus fretado e acompanhados por alguns familiares. Neste ano, não houve patrocinador; eventualmente, algum vereador prestava essa assistência, então foi contratado um carro particular com os poucos recursos da escola, o que inviabilizou conduzir a todos.

Para esta celebração, os alunos seguem para a igreja, fardados e em fila com os instrumentos da bateria; os cantos que entrelaçam a missa são entoados por Curió, “[...] Santa Maria a Mãe de Deus, entrei na Igreja e não me confessei, Santa Maria a mãe de Deus, entrei na Igreja e o padre era a lei...”, os padres celebrantes parabenizam a atitude de formação dessas crianças, adolescentes, jovens através da cultura da capoeira.

Acompanhando a celebração, estão os Mestres Angoleiros Zé do Lenço, Pelé da Bomba, Gildo Alfinete, Boca Rica, Augusto Januário, Olho de Galinha e Mestres Regionais, Neneu, Bamba, Cacá, entre outros.

Ao findar, a escola sai da igreja formando a roda em frente ao Cruzeiro de São Francisco; rapidamente, pessoas que estão a descer e subir o Pelourinho vão se aglomerando, aplaudindo, tirando fotos, filmando, tomando informações, e ali estão jogando, mestres com alunos iniciantes, mestres com mestres, meninas com meninos, tudo na ética, disciplina, beleza e malícia.

Nesta oportunidade, Curió ressalta que *Capoeira Angola* não é violência, é arte, dança, malícia, sagacidade, ética, teatro, filosofia... Percebidos no jogo de cada um que se abaixa ao pé do berimbau.

É sábado, dia do ritual mágico, do momento síntese, aglutinador dos elementos que constituem essa tradição. Somente se compreende a plenitude dele quando o mesmo acontece e que, segundo Curió, precisa existir para ensinar para as pessoas o que é a *Capoeira Angola*.

Uma mesa arrumada ao centro do salão, toalha rendada ou florida, jarro de flores, troféus, medalhas, certificados e as carteirinhas dos alunos, datilografadas e já com as graduações, que em momento especial serão entregues.



Figura 42. Ritual de oferenda do Caruru a São Cosme e São Damião. Ao centro, sete crianças que são servidas primeiro, em pé, mestre Curió, puxando os cantos acompanhados pela bateria.

Arquivo: Amélia Conrado

O salão é dividido por uma cortina improvisada, para separar o espaço aonde as mulheres da família do mestre preparam próximo à pequena cozinha, o

Caruru de três mil quiabos para São Cosme e São Damião, obrigação por graças alcançadas.

Neste dia, a ordem é para que os alunos cheguem cedo a escola, porque, impreterivelmente, às 14:00 h, a cerimônia começa, com quem estiver! Isso ele avisa ao público nas diversas oportunidades de contato. É uma pessoa que não se atrasa para seus compromissos.

Caminhando rápido e passando minuto a minuto de um lado para outro, naquele salão, supervisiona tudo, passa carão, ou seja, repreende um, outro, o contramestre, o mestre que formou, pois estes devem ser exemplo para os menores em idade e no tempo na capoeira.

As camisas de solenidade são distribuídas entre os alunos, que ao final, devolvem para serem vestidas em cerimônias; é que foram confeccionadas com uma malha de melhor qualidade e acabamento.

O salão começa a ser ocupado pelos visitantes que passarão da tarde para a noite nesta atividade.

Os alunos da ECAIG esvaziam o ambiente; entrarão em fila, cantando e tocando o hino da escola e o hino nacional, crianças à frente levam as bandeiras do Brasil, da Bahia e da escola, um costume cívico que ele conserva, era obrigatório no Brasil em ocasiões de datas comemorativas.



Figura 43. A abertura do evento acontece com a entrada das bandeiras do Brasil, do estado da Bahia e da escola de capoeira, trazidas pelas crianças, em seguida, a bateria, onde os de maior tempo de formação junto à escola, entram à frente e assim, sucessivamente. Arquivo: Amélia



Figura 44. Pela tradição da cultura da Capoeira Angola, mantida por Mestre Curió, em que a religiosidade é um fundamento, ele cumpre diversas oferendas para proteção.

Arquivo: Amélia Conrado

Após os hinos, uns acomodam-se no chão, outros na bateria e há aqueles que vão para a mesa dirigir os trabalhos junto ao mestre que, ao microfone, saúda todos os capoeiristas, familiares, representantes das diversas escolas, instituições políticas e culturais ali presentes; o seu discurso é o mesmo de todos os dias e de muitos anos, começa dizendo que ainda está aprendendo a *Capoeira Angola*, apesar de mais de 50 anos de vivência com esta.

Afirma que, infelizmente, a capoeira no Brasil inchou e não cresceu, pois a ganância levou a existir mais “mestres” do que alunos, porque a formação apressada e o desejo do título são maiores do que a dedicação à arte, ao aprendizado, e o resultado é a grande quantidade de alunos mal formados, deturpados, lesados. Conclui que prefere manter-se digno e morrer em dificuldades financeiras, a se vender, se corromper pelas ofertas desleais vindas daqueles que somente visam lucro aproveitando a fragilidade do outro...

Iniciam-se as apresentações artísticas de teatro, dança e *performance*, alguns de seus alunos são profissionais nestas áreas - uma oportunidade de enriquecer o evento, como mostrar o trabalho deles.

África, Evanir Tavares, é formada pela Escola de Teatro da UFBA, *Marcha Lenta*, Neuza, é professora de Educação Física pela UCSAL e estuda Dança do Ventre, *Zangado*, Ricardo Biriba, é artista plástico formado pela UFPE, coreógrafo e professor da Escola de Belas Artes da UFBA, esta que escreve, *Cabocla*, Amélia Conrado é formada em Educação Física pela UFPE, coreógrafa e pesquisadora de danças étnicas. Socorro Conrado, integra o quadro administrativo da ECAIG, é formada em Letras pela UFPE, professora de Inglês do UEC-BA e praticante de danças brasileiras e ioga.



Figura 45. Apresentação de frevo por Raissa Conrado Biriba (lado esquerdo da foto) e Socorro Conrado (à direita) no XIII Evento da ECAIG em 2001. O frevo é uma dança que se originou do ritmo das orquestras e dos movimentos da capoeira. O estado de Pernambuco é forte nesta referência cultural.

Acontecem em seqüência as apresentações, a *performance* teatral sempre voltada para o tema do evento, o frevo que é originário também da capoeira, vão aquecendo o salão, a *dança da boneca de pano*, extrai risos e muita graça da platéia, a *dança do ventre*, chamando atenção para outras culturas tradicionais.

Muitas vezes, Mestre Curió e alguns alunos de menor idade fazem improvisações, porque gosta de atuar e tem muitas idéias para encenações, outras vezes, ele resgata e apresenta tradições dentro da cultura da capoeira angola. Na

seqüência, a entrega das carteiras é a identificação do aluno, constando sua graduação e nome recebido em cerimônia.

Neste momento, Curió descreve a personalidade ou história de cada aluno, principalmente daqueles que vêm de situação de vulnerabilidade social e com a capoeira, vem adquirindo outra postura na vida, ele se orgulha disso e para entregar a carteira, convida dentre os presentes, um mestre de renome que dá uma palavra de força e incentivo; é uma honra para quem vai receber, pois aquele mestre é uma referência, uma autoridade no mundo da capoeira.



Figura 46. Alunos da ECAIG trocando sua carteira, aonde vêm identificada a sua nova graduação, caso tenha avançado no processo de formação. É um momento para eles de honra ao receberem de mestres que dão mensagens de incentivo. Nessa ocasião, o aluno revela seu nome aos presentes, caso já possua, caso não, é a hora de receber pelo Mestre sua identidade como capoeira. Arquivo: Amélia Conrado



Figura 47 Uma participação importante é a da Capoeira Regional ao evento, em respeito e amizade, como todos os anos faz mestre Nenel, filho do ilustre mestre Bimba, junto ao Mestre Curió e o mesmo, procede assim, quando essa outra escola está realizando suas solenidades festivas. Arquivo: Amélia Conrado

Para os que ainda não têm nome³² é chegada a hora em que o mestre confirma sua nova identidade, conforme o que observa de mais forte na pessoa, que pode vir do seu temperamento, seu comportamento enquanto capoeira, seus traços étnicos, entre outros atributos, e surgem: “Jararaca”, “África”, “Cabocla”, “Zangado”, “Saci”, “Marcha Lenta”, “Espanador da Lua”, “Perversa”, “Feiticeira”, “Cigana”, “Desengonçado”, “Espantada”, “Bezouro Preto”, “Garincha”, “Graussá”, “Gafanhoto”, “Boi Manso”, “Papa Capim”, e assim, sucessivamente, é um momento de graça na platéia, risos ao ver a reação de como, o “consagrado” recebe sua nova identidade.

A mesa é retirada do centro e as crianças menores são convidadas a compor a bateria mirim para cantar, tocar e junto às demais, jogarem. Estes dão um *show* de beleza, graciosidade, competência, disciplina, ética, cada um mostrando o que aprende.

³² Receber o nome na Capoeira Angola é a revelação da sua identidade enquanto angoleiro.



Figura 48. Momento em que as crianças assumem a bateria e levam a roda de capoeira puxando ladainhas, corridos, fazendo as chamadas pelo berimbau, determinando o momento em que a dupla deve sair...Neste momento, os mestres jogam com as crianças. Arquivo: Amélia Conrado

Mestre Curió vai convidando um mestre para jogar com uma dessas crianças, depois, uma menina com um menino, um idoso com um jovem, para mostrar que a capoeira permite que qualquer idade, sexo, nível de aprendizado é possível de jogar um com o outro, quando esta é ensinada e apreendida dentro da sua filosofia e ética.

Nesse sentido, a *Capoeira Angola* é jogo de experiências e vivências práticas, quando orientada na ética e filosofia acontece o diálogo com as diferenças.

Vê-se, conforme a característica de cada capoeirista, uma diferença nos diálogos de jogo. Um momento sublime, o jogo de mestres, o objetivo é mostrar para os que ali estão, a malícia, a malandragem, a expressão corporal e técnica acumulada por esses senhores e uma única mestra, a Jararaca, mais jovem entre eles.

“Mestre Jogo de Dentro e Mestra Jararaca”, “Mestre Lua de Bobó e Mestre Zé Pretinho”, “Mestre Olho de Galinha e Mestre Pelé do Tunel”, “Mestre Curió e Demolidor” e outros exímios capoeiristas, é momento de emoção, suspense,

alto nível de jogo. Depois, a roda é aberta para que mestres, contramestres, “treineis”³³, alunos e visitantes joguem uns com os outros.



Figura 49. Na ocasião dos eventos, se reúnem mestres para “brincarem”, “vadiarem”, uns com os outros. Na foto da esquerda para direita, Mestre Virgílio, Mestre Jogo de Dentro, Mestre Curió, Dr. Augusto Leal e Mestre Pelé da Bomba. Em janeiro de 2006.

As horas vão se passando, o salão superlotado, uma pausa e novamente Curió relata aos presentes a falta de incentivo do governo em todos aspectos e da sociedade em geral à Capoeira Angola, a ausência de memória cultural desse legado, embora a contribuição e enriquecimento que vem dando historicamente a Bahia, no turismo, na arte, no patrimônio, na educação, no social.

O cheiro do Caruru já está no ar, sete crianças são escolhidas para iniciar as oferendas e ritual, esteira no chão, bacia com o Caruru sobre a esteira; sentam-se ao redor e começam a comer com as mãos, é tradição. Mestre Curió já trajado de branco, modelo típico da capoeira de antigamente, bata e calça comprida de ração. Seu Martins Malvadeza, aos 105 anos de idade, trajado de paletó branco, chapéu na cabeça, sapato fechado, puxa os cantos junto ao filho Curió, um dos seus 50 filhos, “Eu vi São Cosme na beira d’água comendo arroz e bebendo água”, “Vamos levantar o Cruzeiro de Jesus, no céu, no céu, no céu da Santa Cruz”, o ritual prossegue completo, finalizada a “balbúrdia”, o público pode ser servido.

A bateria entra com o *Samba de Barravento*, os mestre pulam para o centro, um por um mostra seu gingado; para sair, passa a dança para o outro, num

³³ Categoria do aluno que já pode ensinar. Acredito que o termo foi adaptado e vem da palavra *trainers*

movimento em direção ao Mestre João Pequeno que já está com seus 80 e poucos anos, aceita o desafio e dá um *show* de samba, a platéia aplaude, é um momento sublime, difícil de se ver, aí sim, encontra-se a nata da *Capoeira Angola* na Bahia.



Figura 50. Um encontro de muita emoção, os ex-alunos de Pastinha, João Pequeno e Curió, ambos continuadores através de suas escolas de Capoeira Angola, a formação das novas gerações, ao lado o mestre Zé Pretinho. Arquivo: Amélia Conrado

“Você quer vê essa roda ficar boa, você quer vê essa roda ficar boa, quem não canta bate palma para não ficar à toa...”. Os presentes acompanham os cantos, mantêm a energia vibrante em todo desenrolar da atividade, jogam capoeira, sambam, riem, aplaudem, choram..., os mestres são servidos do Caruru, acomodados em mesinhas no espaço da sala de visitas, em seguida, todas as pessoas, a festa parece não ter hora para acabar, até que se jogue capoeira e dance *samba duro*, *santamarense* e *barravento*, pode virar noite, a comida é farta.

A noite vai avançada, a derradeira tarefa, o mestre, sua família e um grupo de alunos vão para a rua com as panelas, distribuir caruru àqueles que passam, por fim, retornam para limpar o salão, lavar as panelas, organizar as cadeiras, fechar as janelas... Missão cumprida, os abraços calorosos entre alunos, visitantes, mestres, expressam a satisfação da brincadeira...

Dias depois, a escola se reúne para avaliar o processo e os resultados, ficando a expectativa para que no próximo ano, esta celebração aconteça em melhores condições.

No interior desses eventos está a importância da existência da *Capoeira Angola*, para sua dinâmica, continuidade e visibilidade. É um encontro esperado tanto pelos que produzem, como pelos que anualmente visitam. No plano político é a afirmação de uma capoeira de resistência, de descendentes afro-brasileiros em predominância, daquela que está embrenhada nas periferias, que reclama a atenção para uma arte e cultura que oferece benefícios à sociedade, ao nome de um lugar e suas tradições, ao turismo, entre outras coisas.

Daquela que conta a história de seus antecessores que criaram e desenvolveram esta arte, desta que entende por formação, algo de responsabilidade, onde o tempo, o exercício prático e a experiência são fundamentais para o domínio do conhecimento.

No plano educativo, leva ao público participante, grupos de capoeira, capoeiristas oriundos do exterior, de outros estados, familiares, professores, estudantes, uma mostra de determinado tipo de linguagem, comportamento, valor, respeito entre pessoas do grupo e de outros grupos ali presentes, na medida em que, independente de sexo, idade, tempo de capoeira, exibem o nível do seu aprendizado e a segurança, vêm da liderança e ética que mestre Curió ensina e exerce, afirmando que “ali quer vê capoeira e não violência” e caso alguém exceda ou coloque em risco a integridade do outro, ele pára a roda e avisa aos jogadores que prossigam dentro das normas ou se retirem.

Vê-se atualmente, rodas de capoeira ou processos de ensino desta que terminam com agressões físicas, inimizades, acidentes e isso desqualifica e prejudica sua imagem e de uma categoria profissional que luta pelo seu reconhecimento e respeito social, buscando abrir espaço em escolas da rede de ensino em diferentes níveis para somar a conteúdos voltados para uma educação que contemple diversidade e pluralidade cultural em nossa sociedade.

No plano social, o aluno mostra o seu valor, interage com diferentes pessoas, com personalidades do mundo da capoeira, atua para este acontecimento, dada às atribuições que lhes são conferidas, e isso ajuda no fortalecimento de sua auto-estima e legitimação da cultura de extratos populacionais marginalizados.

Nessa direção, o aprendizado da *Capoeira Angola* requer atenção a todas as informações percebidas, muitas vezes, pela observação aos mais velhos, também no tempo para se atingir amadurecimento dos diversos elementos que compõem a metodologia, em que, história, filosofia, expressão corporal, música, movimento, jogo, tática são apreendidos concomitantemente.

3.2.1.4 A Escola de Mestre Lua de Bobó Vista numa Visita de Confraternização

Quem pensar que o evento da ECAIG termina no sábado festivo engana-se. No domingo subsequente, na casa de mestre Curió, é feito um encontro para a roda no bairro onde ele reside, na rua atrás da sua casa. Depois, bate-se um *baba*; no linguajar baiano, jogo de futebol; e encerram-se as brincadeiras com um almoço oferecido para todos os participantes.

Para esta ocasião, arrecada-se algum dinheiro para as despesas do almoço e bebidas, porque são convidados mestres para tocar, cantar, jogar, levar seus alunos e juntos aos da ECAIG e familiares, se confraternizarem.

No ano de 2006, Mestre Lua de Bobó, Edvaldo Borges da Cruz, presidente e fundador do *Grupo de Capoeira Angola Menino de Arembepe*, trouxe seu pessoal, todos vestidos no padrão da escola; camisas azul-celeste, calça branca, sapato fechado, dentre seus alunos: norte-americanos, franceses, argentinos, paulistas e os de Arembepe, município em que situa sua escola. Para muitos, ir até o subúrbio de Salvador é uma aventura.

Brincamos com Curió, dizendo que, ele não mora, “viaja para casa” ou “se esconde” como uma cisma de capoeirista..., pois, é longe do centro da cidade.

A roda na rua começou às 11:00 h embaixo da sombra das jaqueiras e lá estão algumas visitas ilustres como, a professora Maria de Lourdes Siqueira da UFBA, palestrante do evento, o Augusto Januário, biólogo, o “Demolidor”, um dos mestres formados por Curió, é que até hoje, ele só formou três, sendo os demais, o “Gafanhoto” e a “Jararaca”, ou seja, Aurelino Silva Soares e Valdelice Santos de Jesus, esses três mestres, são exímios capoeiristas e possuem os requisitos que o título confere.



Figura 51. Mestre Curió reside em meio a essa reserva ecológica, coisa de capoeira!



Figura 52. Jogo de Capoeira Angola entre Mestra Jararaca e Ricardo, à sombra da jaqueira, numa rua atrás da casa de Mestre Curió, em janeiro de 2006. Arquivo: Amélia Conrado.



Figura 53. Momento em que o capoeirista pára, e ajusta seu calçado. Bateria de capoeira Angola e jogo. Presença da Profª Drª Maria de Lourdes Siqueira da UFBA. Janeiro 2006.

O sol do meio dia esquentou, transferiu-se a roda para o andar da casa, um salão ainda em construção, será outro núcleo da ECAIG, o de Castelo Branco, um desejo de Curió e do pessoal da redondeza, que o admira pelo trabalho e seu progresso.



Figura 54. Jogo de capoeira Angola no bairro de Castelo Branco, em que os alunos da ECAIG se apresentam e os moradores da vizinhança apreciam. Arquivo: Amélia Conrado

Mestre Lua de Bobó e seus alunos são apresentados, entre estes, sua filha e filho que também, são capoeiristas.

Entre Curió e Lua existe um respeito mútuo, admiração, cumplicidade, uma amizade de longas datas e o reconhecimento de um pelo outro, do trabalho de continuidade na formação de angoleiros. Isso é percebido pela alegria deste encontro para contarem sobre a capoeira do passado, as histórias em comum que servem de incentivo aos alunos da atualidade.

E a roda prossegue, vai mostrando a habilidade de cada um; vez ou outra um aluno desafina ou não acerta o toque de berimbau, pára-se para ensinar, depois, uma estrofe não bem respondida no samba santamarense, pára-se e ensina-se, pois, ali é uma escola...

Já pelas três da tarde, dona Joana, esposa de Curió, algumas irmãs e filhas, trazem à mesa, a dobradinha preparada por elas e pelo mestre, que é servida junto às cervejas e guaranás, e o clima, só alegria...

Assim como estas escolas, outras desenvolvem significativo trabalho com a *Capoeira Angola*, cito, as escolas fundadas e de responsabilidade de mestres como, o *Centro esportivo de capoeira Angola João Pequeno de Pastinha (CECA)* do

Mestre João Pequeno, situado no Forte de Santo Antônio Além do Carmo; o *Grupo de Capoeira Angola Pelourinho (GECAP)* do Mestre Moraes Trindade, também no Forte de Santo Antônio; a *Associação de Capoeira Angola 1º de Maio* de Mestre Virgílio no bairro Fazenda Grande do Retiro; a *Fundação Internacional de Capoeira Angola (FICA)* de Mestre Cobrinha e Mestre Valmir, entre outras, que seguem passos deixados por gerações anteriores de outros angoleiros.

As escolas citadas e outras que continuam as tradições dessa capoeira realizam seus eventos comemorativos e vêm abrindo debates, diálogos, produzindo materiais didáticos, discos, revistas, entre outros. Tais ocasiões são motivos para se confraternizarem e geralmente, oferecerem uma feijoada, um caruru, uma dobradinha, um xinxin de galinha, entre outras iguarias da culinária tradicional baiana, o que não pode faltar.

O que percebo na iniciativa de Mestre Curió e Mestre Lua de Bobó, é que, independente das dificuldades existentes para a produção destes encontros, está o valor da aproximação de dois grupos, duas escolas, que mesmo trabalhando em diferentes cidades, de linhagens de conhecimento vindas, uma de Mestre Bobó e a outra, de Mestre Pastinha, o que proporcionam é a união, a confirmação dos princípios e propósitos pelo que é revelado na postura dos alunos e mestres, no respeito às regras de um código de ética firmado nas gerações passadas e mantidas pelas atuais e um aspecto fundamental, uma escola de prazer, de alegria e conhecimentos compartilhados.

3.2.1.5 Jaracaca: Primeira Mestra Angoleira e a Questão da Mulher na Roda-Mundo da Capoeira

Destacar a participação da mulher na roda-mundo da capoeira é levantar o debate sobre o tratamento desta categoria social, que continua ocultada e sem o devido reconhecimento da sua atuação histórica.

Pelas crescentes mudanças na sociedade moderna, a posição de desigualdade que nos encontramos, são acentuadas principalmente no campo profissional, contudo, estamos atingindo pouco a pouco, empoderamento de voz e de lugar pela busca e reivindicações de nossos direitos.

Em diversos países do mundo, as mobilizações são para transformar mentalidade e práticas de discriminação que sofremos, no Brasil, que:

devido à hegemonia branca, masculina, heterossexual e cristã, têm sido nomeados e nomeadas como diferentes aqueles e aquelas que não compartilham desses atributos. A atribuição da diferença é sempre historicamente contingente. (LOURO, 1997, p. 50)

Os contextos, as necessidades, os interesses, as condições socioeconômicas das diversas mulheres levam à formação de diferentes frentes de lutas.

Essas lutas não são recentes, para situar alguns marcos, relembro o motivo da instituição do dia 8 de março como *Dia Internacional da Mulher*, pelo documento do Conselho Estadual da Condição Feminina em São Paulo (1996), citado por Trindade (2002, p.144):

Em 8 de março de 1857 a cidade de Nova York é palco da primeira greve de mulheres operárias de que se tem conhecimento. Cento e vinte e nove tecelãs pararam seu trabalho exigindo redução da jornada de trabalho e salários maiores. O movimento terminou em tragédia. A polícia cercou o prédio e, de acordo com os proprietários, incendiou-o para obrigá-las a sair. Mais de cinquenta anos depois, de 26 a 27 de agosto de 1910, realizou-se em Copenhague a II Conferência Internacional de Mulheres Socialistas, que antecedeu a abertura do Congresso Internacional Socialistas. Na ocasião, Clara Zetkin, jornalista alemã, dirigente do jornal *Die Gleichheit*, apresentou e conseguiu aprovar uma resolução propondo que as mulheres socialistas de todos os países dedicassem o dia 8 de março em homenagem às operárias novaiorquinas, à luta pelo direito do voto feminino. A partir daí, a celebração foi ampliada à luta pelos direitos em geral, alcançando dimensão internacional, embora haja quem questione a escolha da data como homenagem às operárias americanas.

Como todo movimento social organizado, o feminista vem construindo sua trajetória, a literatura sobre o assunto, diz que o marco é o século XIX, no ocidente com a busca do direito ao voto, ao estudo, a profissionalização. As principais bandeiras do século XX, por volta dos anos 60, foram a elaboração das bases teóricas, oriundas de várias áreas de conhecimento, analisando as condições socioeconômicas, jurídicas, psicológicas, entre outras, para identificar as desigualdades que enfrentamos socialmente. Surgem campos para “estudos da mulher”, “estudos feministas”, “estudos sobre gênero”, significando avanços.

Segundo Louro (1997), na ciência, as mulheres saem das notas de rodapé para os temas centrais.

Em *Mulheres no Brasil colonial*, Del Priore, (2000), invoca os historiadores para necessidade e importância de realizar estudos sobre a mulher na sociedade brasileira, comenta que o sociólogo Gilberto Freire, em *Casa grande e senzala*, despertou discussões referentes a práticas em torno da vida privada e familiar das mulheres, do legado patriarcal da família brasileira, de particularidades sobre as diferenças e envolvimento destas nas relações sociais.

Dentre as diversas mulheres no Brasil colonial, diz a referida autora, estão as portuguesas de origem modesta que vivia de costuras, comércios, da fiação de sedas, produção de pães, onde o casamento era um mecanismo para ascensão social, as africanas que executaram todo tipo de trabalho, parteiras, cozinheiras, arrumadeiras, responsáveis pela criação dos filhos dos senhores e os seus, atividades no comércio através de seus tabuleiros, nesse ambiente, agiam pela libertação do seu povo, levando recados aos quilombolas, informações sobre movimento das tropas e tornaram-se alvos de preocupações para autoridades que viam na sua presença pública uma ameaça, a ação das indígenas inaugurando núcleos de povoamento, entre outras.

Também, comenta que a religião judaico-cristã controlou por leis e dogmas, comportamentos, instituindo condições para casamentos e outros laços. A consolidação de colégios jesuítas, por volta de 1930, permitiu acesso primeiro aos homens, as escolas eram separadas de mulheres e de homens, posteriormente, surgiram escolas mistas, as práticas higiênicas trataram de transmitir valores do que era permitido ou não na postura e na sua educação.

Superando as marcas de um tempo-histórico, existem aspectos que estão contribuindo para conquista de melhor lugar social, dentre vários, um exemplo das mulheres na prática da capoeira significando uma abertura de espaços que eram de domínio dos homens, porém, esta referência é relativa, muda conforme as realidades. A análise feita, aqui, parte do que presencio no cotidiano da escola que estou ligada e do contexto da minha cidade.

Pela própria cultura da capoeira, os homens são maioria e geralmente, permanecem por períodos mais longos que nós mulheres no processo de formação.

No artigo, *Capoeira Angola, luta de mulheres*, Rodrigues (2005, p.8-9), afirma:

[...] no universo capoeirista, a prática do machismo é tão intensa como na Grande Roda do mundo, a sociedade em que vivemos. Dentro dos grupos e academias cabem aos homens os postos de comando e decisão, eles têm primazia em muitos aprendizados e os modelos de força e excelência seguem padrões masculinos de agressão e violência. O legado de enfrentamento político de Mestre Pastinha nos coloca obrigatoriamente na contramão dessa tradição

A presença das mulheres neste universo vêm acontecendo por conquista o que, em tempos atrás, estavam próximas atuando onde existia capoeira, de uma forma ou de outra, rompendo barreiras, contudo, a ausência de uma memória cultural, percebida, tanto na literatura, quanto no discurso transmitido no dia-a-dia a respeito desta participação em importantes movimentos sociais como a capoeira, contribuem à exacerbação da violência com relação a estas, além das relações em nossa sociedade permeadas por discriminação, preconceito, autoritarismo que dificultam a visibilidade da história construída por nós mulheres.

Sabe-se através de relatos de mestres, sobre acontecimentos no início do século XX, que existia mulheres capoeiras, valentonas, também aquelas que amarravam suas saias entre as pernas e entravam numa roda para jogar:

[...] sendo elas capoeiras ou não, o que as fontes indicam é que essas mulheres disputavam seus espaços sociais a golpes de navalhas, cacetadas e pontapés contra quem lhes representasse uma ameaça. Eram essas as “mulheres de pá virada” que viviam no universo masculinizado das ruas de Salvador, território dos capoeiras (OLIVEIRA, 2005, p. 75).

Estudos aprofundados estão se realizando em nossa cidade buscando revelar a veracidade de fatos e histórias que estão no imaginário coletivo de personagens da cultura baiana, Abreu (2005, p. 33), comenta uma investigação em processo, sobre a guerreira negra Maria Felipa de Oliveira, da ilha de Itaparica que lutou junto aos homens pela Independência da Bahia e era exímia capoeirista.

Alguns registros dessa presença, pinço de obras de mestres da capoeira na Bahia, como, os manuscritos de Pastinha afirmando que,

[...] está gravado na História da Capoeira as mulheres que jogavam a mandinga e batucavam, bem como cito Maria homem, Julia, vulgo Fugareira e muitas outras que deixo os meus camaradas contarem (DECÂNIO, 1997, p. 27).

Analisando o livro de registros de associados do *Centro Esportivo de Capoeira Angola (CECA)*, fundado em 23 de fevereiro de 1941, tendo como idealizador e um dos fundadores, o Mestre Pastinha, verifiquei dados que auxiliam nas reflexões acerca da participação da mulher na história da capoeira baiana.

No CECA, dentre os 418 associados no período compreendido entre 1941 a 1970, onde eram anotados, nome completo, data de nascimento, naturalidade, filiação, categoria em capoeira, data de admissão, endereço residencial e fotografia. Observei na totalidade dos associados, o registro nº 113 que é de uma mulher, sendo esta a 1ª, o interessante é que seus dados pessoais são omitidos, contendo apenas seu retrato e número, esta se integrou por volta dos anos 60.

Posteriormente, tem o registro de nº 342 de Maria de Lourdes Barbosa, cujos dados são revelados, consta sua admissão em 2 de julho de 1968, profissão comerciaria, por fim, o registro nº 380 de Arbênia Soares Rezende, comerciaria, admitida em 11 de julho de 1969.

Então, do total de 418 associados do CECA, 415 são homens e três são mulheres, o que pelos valores da época, estas foram exceções num ambiente predominantemente masculino.



Figura 55. Dona Odete, ex-aluna de Mestre Pastinha, num tempo em que mulher que quisesse treinar, tomar aula de capoeira, era separado dos homens, devido os valores sociais da época. Seu apelido “Pimentinha”.Arquivo: Amélia Conrado

O Mestre Canjiquinha, Washington Bueno da Silva, no seu livro *Canjiquinha, alegria da Capoeira* (1989), traz memórias sobre sua vida na capoeira e em capítulo, se referiu as “retadas”³⁴ contando que:

[...] Maria doze homens, assim chamada, porque brigou com 12 homens (doze soldados de polícia), na Baixa dos Sapateiros. Morava na Saúde. Maria Avestruz, morava na Boca do Rio. Palmeirão, matou Pedro Porreta (capoeirista valentão). Morava na rua Vinte e Oito de Setembro. (CANJIQUINHA, 1989, p. 29)

Além dele identificar algumas “retadas”, relata seu casamento com dona Ivone, ele aos 25 anos de idade e ela com 14, narrando como esta aprendeu a arte:

[...] ensinei capoeira a ela quando já tinha o 1º filho, Janduir, eu já estava ensinando em Cosme de Farias, dentro da minha casa onde ensinei a Brasília, Manoel..., e a muitos alunos. Então ela viu e disse: Canjiquinha eu vou aprender. Comecei a ensinar a ela e a Janduir. Aí, ela foi aprendendo e lá vai, lá vai, lá vai, e muitas vezes ela me ensinou, (porque eu ficava na repartição até 8 horas da noite e ela ficava ali, treinando todo o dia. Manoel tentava derrubar Ivone e não conseguia. Depois do 1º e 2º filho ela não pode mais treinar. (SILVA, 1989, p.88-89).

No ano de 2004, em evento comemorativo da Associação de Capoeira Angola 1º de Maio, entidade dirigida pelo Mestre Virgílio, foi lançada *A Cartilha do Mestre Virgílio* (2004), que traz uma síntese sobre sua origem, a resistência com a capoeira no bairro da Fazenda Grande do Retiro, dos alunos e discípulos que formou e dão continuidade a seu trabalho, dentre alguns, Mestre Wildes (seu filho), Mestre Sassá, professor Já Morreu, professor Crispim, professor Bibio, professor Pequeno, Nenga, mestre Edielson, porém, ressalta:

[...] a capoeira de Virgílio, já teve e ainda tem mulheres participando como: Ana Maria, Joelma, Juliana, Linda, Luciana, Lucimar, Mara, Rosa, Sandra.... [...] as mulheres citadas na capoeira da escola 1º de maio, assim como todas as mulheres inseridas na cultura da capoeira merecem e estão de parabéns!!! A mulher na capoeira mostra a capacidade de exigir o que ela pertence que é a liberdade e a dignidade.[...] A mulher é assim: tem visão afinada, é intuitiva e iluminada. Que haja mais mulheres na Capoeira! (VIRGÍLIO E UILDES, 2004, p. 8-10).

³⁴ A expressão “retada”, popularmente, vem de “arretada”, mulher forte, impositiva, pode significar também, aquela que excita, aflora desejo sexual.

Escolas como a de Mestre Virgílio, estão situadas em bairros de Salvador com todos os problemas sociais e econômicos que a periferia enfrenta e nisso, as escolas públicas são co-participes e geralmente, as acolhem dando lugar às suas sedes. O trabalho de capoeira desenvolvido aí serve como uma representação daquela localidade, bem como, o nome daquele mestre, personalidade que expande conhecimentos para pessoas e para muitos lugares, o que torna a capoeira um instrumento de ancoragem para despertar interesse e estima na comunidade.

Sobre este mestre, é importante saber que, segue a herança de seu pai, pois, dentre as profissões de sua habilidade, ferreiro, carpinteiro, encanador, serralheiro, eletricitista, a de capoeirista, lhe deu fama e tornou-o *mestre*. Na sua descendência familiar está, sua mãe Edite Isabel dos Santos e Elísio Maximiliano Ferreira, o *Mestre Espinho Remoso*, nome que está na história da capoeira baiana e que, necessita ser levantado estudos para ressaltar a passagem deste e de outros em seu mundo de capoeira.

Acho pertinente registrar que em 2000, concorri à seleção do doutorado em educação na FAGED-UFBA com o projeto “A invisibilidade da mulher no processo histórico da capoeira na Bahia”. Mesmo não sendo aprovada neste ano no referido curso, a proposta de estudo passou a ser apresentada por mim e solicitada para debates em diversos grupos de capoeira em Salvador, o que, pessoalmente e coletivamente representou uma vitória ter suscitado na comunidade, o debate da questão, permitindo surgir novas contribuições, também, o reconhecimento de mestres da ausência de memória em relação à participação das mulheres no desenvolvimento desta cultura na Bahia e que consideram importante na atualidade, evidenciar atenção à problemática das relações de gênero, o que arremato nestas linhas com elementos para se prosseguir com a discussão.



Figura 56. Nas cantigas de capoeira, destaca-se aspectos da vida das mulheres, o amor, o trabalho, a maternidade, como mostra o canto, “quando meu filho nascer, vou perguntar pra parteira, o que é que meu filho vai ser, ele vai ser capoeira...”. Amélia aos seis meses de gravidez, jogando com sua colega de grupo. Em janeiro de 2002.

Já venho falando que depoimento de angoleiro é algo difícil; primeiro, porque, está nos princípios da malícia desconfiar até da própria sombra, quanto mais das pessoas, então, o que estou revelando através deste trabalho é resultante de uma confiança depositada, de um compromisso firmado entre nós, pelo crescimento e divulgação dos valores da *Capoeira Angola* para a sociedade; por isso, trago o pensamento e história de uma mulher no mundo da capoeira, a Jararaca, primeira mestra angoleira da Bahia.

Seu nome é Valdelice Santos de Jesus, natural de Salvador, profissão capoeirista, estudou na escola regular até o primeiro ano do ensino médio, interrompendo para criar seus filhos, José Carlos e Luís Carlos, e agora pensa em continuar porque eles já estão crescidos.

Mestra Jararaca atua de segunda à sexta-feira na ECAIG, da manhã à noite, cuidando da manutenção e limpeza do espaço físico, trabalha na administração, é a vice-presidente da Instituição. Atende visitantes, telefonemas, recebe qualquer correspondência endereçada à escola, tomando conhecimento e passando a informação para Mestre Curió através da leitura dos mesmos; treina na

turma noturna, divide com ele o trabalho de ensino nas turmas de projetos e da escola.

Aproveitando uma reunião da diretoria da escola marcada extraordinariamente, saí com o gravador de casa para arriscar seu depoimento. Nesse dia, íamos resolver a adaptação do espaço da escola para instalar uma biblioteca, estúdio de gravação de música, escritório administrativo e cozinha. Após terminar uma aula com crianças da Escola Municipal Vivaldo Costa Lima, nas dependências da ECAIG, encontrava-se fardada e descansando no escritório; perguntei se poderia ser este o momento de me responder algumas questões, ela pediu para ver o que eu tinha preparado; após ler e analisar, disse: está bem, vamos fazer.

A postura corporal de Jararaca não era de disposição para falar, estava bem relaxada na cadeira. No momento em que começamos, seus dois filhos, José Carlos de 10 anos, estudante e capoeirista desde a barriga, e Luís Carlos de seis anos, estudante e capoeirista desde a barriga, sentaram-se ao lado com muita atenção, ouvindo o que a mãe falava e cuidavam para que nada interrompesse a gravação. Para mim, foi uma surpresa a maneira como duas crianças se interessaram em acompanhar o que estávamos fazendo, a atenção com o que a mãe falava, acho que para eles se passava como algo importante.

Iniciando, pedi que a mestra fizesse um breve relato sobre sua origem familiar, ela começa pelo pai e pela mãe que era lavadeira, e disse: “sou filha de lavadeira, com doqueiro, meu pai também descarregava caminhão, trabalhava na feira”, segue dizendo que tem oito irmãos, com ela, nove; destes, uma irmã é falecida, são três homens e seis mulheres, todos maiores de idade; dos nove, só duas são capoeiristas, ela e Ritinha, ou seja, Rita de Cássia Santos de Jesus, que é mais velha na capoeira.

Diz que vem de uma família paupérrima, que sua casa não tinha luz nem fogão; se cozinhava com lenha e carvão, usava-se candeeiro, conta-me que nasceu no bairro de Santo Antônio Além do Carmo, cuja casa, foi a mesma que se criou e nunca saiu desse lugar.

Aos onze anos, já ajudava a mãe, porque esta não podia dar uma roupa nova nem sapato, inclusive, a menina Valdelice nem estudava, o que veio acontecer somente aos 14 anos. Detalha as atividades que desempenhava quando menina:

Ajudava as pessoas a fazer faxina em casa, vendia pastel, coxinha, cavaco na porta de colégio, vendi cerveja na praia, cachorro quente, concertava telhado dos vizinhos, fazia emendação de eletricidade, porque meu pai me ensinou, quando ele subia no telhado para realizar esses trabalhos ele me chamava e eu olhando, aprendia, então, os vizinhos passavam a me chamar. Nunca tive vergonha de fazer nada, já fui ajudante de mãe-de-santo, porque mãe-de-santo pelas obrigações, umas vendem acarajé, outras, têm que fazer qualquer coisa para sair, esta vendia salgados, quibe e coxinha, e eu fazia entregas para ela em bares, barracas, então, minha vida sempre foi esta, ajudando as pessoas, pegando engradado de cerveja em carrinho de mão, pra sempre ter um dinheirinho pra ajudar a mãe e comprar minhas coisas

Na cultura brasileira, desde cedo é atribuída uma educação às meninas, diferente dos meninos, o que é natural pela própria diferença de ser, todavia, refiro-me ao nível de exigência da responsabilidade para as meninas, em fatores que contribuem para um comportamento social desigual, mesmo em crianças de diferentes classes sociais, para o futuro comportamento adulto.

Na relação familiar, exige-se logo da menina aprender e cuidar da casa, dos irmãos menores, ter comportamento moderado, disciplinado em muitos casos, recatado, também, na cobrança do bom desempenho nos estudos, o que para os meninos, por vezes, não se dá no mesmo nível de exigência; os resultados insatisfatórios destes são justificados por serem “dispersos”, “relaxados”, “desconcentrados”, o que é evidente dado o desequilíbrio na divisão de competências, atitudes, tarefas e trabalho em relação à diferença de sexo.

Valdelice conta como ingressou na capoeira e diz que era um “moleque macho”, ou seja, uma menina que vive no meio de menino. Nunca gostou de brincar de boneca nem de casinha, brincava das mesmas brincadeiras que os meninos; bola, bicicleta, subir e descer em árvores, levando uma porrada, e no outro dia estava lá de novo, adorava jogar bola e se não fosse capoeirista, seria jogadora de futebol.

A crítica realidade social e econômica de uma parcela da nossa população leva meninas para uma personalidade de “moleques machos” no dizer de Valdelice; depois, “mulheres machos”, quando assume sozinha a criação dos filhos, o trabalho de tripla jornada quando o companheiro é ausente, ou, uma personificação masculina para representar força frente ao núcleo familiar, o que seria melhor dividido entre um casal quando se assume como tal.

Relembra minha entrevistada que, por volta de 1982, aos 14 anos, não se falava muito em capoeira, tanto que não sabia da existência desse negócio. Nesta época, no Pelourinho, ninguém podia subir e foi a época que Ritinha, sua irmã, foi para a capoeira cujo mestre era o João Pequeno, daí, passou a ir lá todo dia para olhar. Um dia, pediu para fazer aula e ele perguntou se queria mesmo, então, disse que sim, e este mandou que viesse no outro dia.

Voltando lá, só havia ela, mesmo assim, Mestre João Pequeno foi para o salão lhe dar aula, quando foi surpreendida com a chegada de seu pai na porta da academia, viu o mestre ensinando, ainda lembra que estava fazendo a ponte. Seu pai lhe disse que somente Rita podia aprender capoeira, e ela, apenas olhar, porque tinha 11 anos de idade. Dizia que “capoeira era para homem”. Então, ela perguntou porque sua irmã Rita praticava; ele respondeu que ela era maior de idade e podia. Pela dependência e obediência a seu pai, atendeu a determinação.

Culturalmente, a prática da capoeira ainda é vista como universo masculino, também várias práticas e atividades sociais, culturais, esportivas, artísticas, profissionais, o que vêm passando por mudanças.

A instabilidade gerada pelos novos modelos econômicos mundiais levaram a reconfiguração dos papéis do sustento financeiro individual e familiar no nosso modelo social, atribuído aos homens. Contemporaneamente, as mulheres agem enfrentando a dependência dos homens levando à conquista do voto, busca de posição e *status* social, rompimento de estigmas em que a “fragilidade”, “fraqueza” impediam a entrada em campos tidos como masculinos.

Tais empreitadas foram levadas até as últimas conseqüências pelas mulheres, para que, algumas mudanças acontecessem. Evidente que a carga de esforço, empenho, dedicação levou a conseqüências favoráveis e outras não, como, por exemplo, o agravamento de doenças causadas pelo estress, mudança do estilo de vida, e a liberdade sexual que aumentou os riscos de doenças transmissíveis, entre outras.

Mulheres, diariamente, ingressam para se formarem capoeiristas; quando meninas, trazidas pela mãe ou pelo pai, com o apoio destes ou quando possuem condição econômica satisfatória para que participem sem problemas é maravilhoso. Contudo, na relação dentro de grupos e escolas de capoeira existe preconceito dos homens em relação às mulheres; por exemplo, em jogo na roda de capoeira, quando reagem com descaso como se ela representasse fragilidade, ou violentos quando

são surpreendidos com a mulher demonstrando melhor habilidade e competência no jogo.

Diante da negação do pai de Valdelice para que ela prosseguisse na capoeira do Mestre João Pequeno, foi depois do falecimento deste em 1989, um mês após, que ela procurou a Academia do mestre, já com 14 anos. A partir daí, ingressou e só saiu de lá em 1994, conforme este relato:

[...] cheguei a me formar como Treinel, antes nem sabia que existia graduação em Capoeira. O mestre com o desenrolar, foi me ensinando as coisas, fui pegando uma maliciazinha, ele foi me colocando para treinar com outras pessoas. Quero ressaltar que aprendi capoeira com o Mestre João Pequeno e não com aluno dele, agora quando ele queria formar um aluno, ele colocava o aluno para dar aula, para ver se este tinha aprendido. Quem dava aula nesta época, de manhã de tarde e de noite era o Mestre João Pequeno

Presenciou a época em que o mestre foi deixando de assumir sozinho as aulas de sua academia e passando para seus alunos; Jogo de Dentro, Jacaré, Ritinha, Eletricista. Também, vez ou outra, alguns alunos mais antigos davam aula; os mais, freqüentes, eram Jacaré, Ritinha, Jogo de Dentro, Eletricista e mais uns dois que não recorda o nome.

O mestre começou a deixar esse pessoal dar aula, porém ela treinava mais com Jogo de Dentro, que foi lhe preparando para receber o título, o que lhe dava até medo porque

naquela época quando o mestre ia formar um aluno, vinha outros mestres de outras academias de Capoeira Angola para julgar o aluno dele, se o aluno daquele mestre que ia ser formado não soubesse responder a pergunta de outro mestre, se não soubesse dar um toque de berimbau pedido, ele era reprovado, existia aquele respeito com os mestres antigamente, um mestre confiava no conhecimento do outro, então dava autoridade para que ele julgasse seu próprio aluno e eu tinha medo disso

Geralmente, os mais convidados eram Mestre Curió e Mestre Nô para julgar os alunos de João Pequeno. Quando João Pequeno dizia que ia formar-lhe, dizia que não queria, ele insistia dizendo que já estava em condições. Foi Jacaré, seu amigo, que a aconselhou aceitar sem medo.

Na academia, era chamada de Val, pois não tinha apelido. Seu amigo Jacaré dizia que havia muita gente por aí dizendo ser aluno de João Pequeno e se Deus o livre, este viesse a falecer, ela iria perder, porque era uma pessoa que já

sabia dar aulas. Ela relutava dizendo que não gostava desse negócio de título, mesmo assim, aceitou, temendo porque ouvia falar em casos de reprovação como o de Jogo de Dentro, quando ia ser formado contramestre. Curió o reprovou; então, aconteceu que

o próprio João Pequeno me consagrou como treinel, ou seja, lá em João Pequeno, era o título de professora que recebi e está guardado em casa meu diploma, tenho o documento e quem me batizou foi Jogo de Dentro e me deu o apelido de Mandingueira

Este apelido não pegou, porque a chamavam de Val; então, o que a levou para a capoeira foi a curiosidade e vontade de treinar. Dando continuidade, de lá, passou para o Mestre Curió.

Disse-me que se a capoeira não estivesse na sua vida como profissão, optaria em ser oficial do exército! Perguntei se nessa época já havia mulheres no exército, e ela achava que não, talvez existissem poucas, e argumenta desta forma:

Eu me inspirava em Maria Quitéria, era meu espelho, por ser uma mulher que se vestiu de homem para entrar no Exército e lutar contra os holandeses

O seu destino não foi o exército, mas a capoeira, que abraçou como profissão.

Pergunto: o que a capoeira abriu em sua vida, o que proporciona?

Conta que ao sair de João Pequeno, em 24 de abril de 1994, um mês depois, passou a ser aluna do Mestre Curió, cujo motivo foi um desentendimento; uma pessoa havia jogado Mestre João Pequeno contra ela. Ele aceitou o que a pessoa disse, e terminou fazendo o que essa queria que fizesse, ou seja, tomar a chave de sua mão, porque já estava dando aulas, dizendo que era para fazer cópia por tê-la perdido, e quando chegava para dar aula, já havia gente ocupando seu lugar, o que causou revolta. Valdelice deixou de treinar e disse que só voltaria quando fosse chamada. Entretanto, diz que o mestre foi induzido, pois nunca foi ruim para ela; foi seu primeiro mestre e quem a colocou nesta vida da capoeira. Mas, há mal, que vem pra bem, diz esta. Ter ido para Curió, foi um ganho, porque o considera o melhor mestre, como todo filho que acha que seu pai é o melhor entre os outros.

Valdelice diz que antes não era conhecida e quando passou para esse mestre, ficou conhecida, mesmo antes de ser o que é hoje. E afirma:

A Capoeira me proporcionou dar continuidade, porém, numa filosofia diferente, ensinamentos diferentes, ganhar mais confiança, admiração pelo próprio mestre, incentivo do próprio mestre que é muito importante, aprender a mesma coisa que os homens aprendem, isso é, eu sempre aprendi capoeira junto com os homens, mesmo em João Pequeno, eles são mestres que não separam, não ensinam uma coisa a homem e outra para a mulher, todos os mestres angoleiros que conheço ensinam assim, agora dependiam delas, crescer ou não e na medida em que fui tendo entendimento da capoeira, eu fui me interessando mais, passar de aluno para discípulo.

Assim, a capoeira contribuiu para que Valdelice lutasse pelos seus objetivos, mesmo contrariando as ordens de seu pai que não queria que a praticasse, optaria pela capoeira, até se a colocassem para fora de casa.

Argumenta que sua dedicação à capoeira permitiu um conhecimento: se tivesse optado pelo futebol, existe o impedimento de atuar com idade avançada; no exército, chega o tempo de aposentar-se. Já na capoeira não tem idade para parar, e sim para começar. Isso ela identifica como uma vantagem nesta profissão.

Pergunto se pelo tempo de sua convivência neste meio, como as mulheres participam em relação aos homens, quem permanece por mais tempo nessa formação, responde, dizendo que

Existem muitas mulheres praticando hoje capoeira, só que, com boas intenções, são poucas, ou seja, com vontade de crescer na capoeira, com interesse de crescer, as que estão direto na capoeira para seguir, não tem nada que lhe impeça continuar, no meu ver, esses anos na capoeira, participando de várias rodas, onde a maioria dos capoeiristas é homens, muitas desistem por causa do marido, do namorado ou quando ficam grávidas, mas, o que mais tira a mulher da capoeira é o machismo de certos homens. Aquele tipo que quando ver que a mulher está se desenvolvendo, corta, às vezes, até por medo, porque ainda tem homem que gosta de bater em mulher e quando a mulher vai para um negócio desse, ele tem medo, tira a mulher da capoeira e diz assim: "ou eu, ou a capoeira", tem mulher que não quer perder seu marido, sua família, termina se sujeitando a isso, por vezes, até já a conheceu na capoeira, mas por causa dele, ela sai, o que não deveria acontecer. Outras, não querem responsabilidade, vêm de outra maneira, não vê como esporte, folclore, só distração, essas mulheres é que sei que são poucas, mulheres que não param de jogar capoeira porque ficaram grávidas, casaram, porque fizeram famílias, mesmo que não treinem direto como antes, continuam e não saem, capoeirista também é aquela mulher que já treinou, ou por algum motivo teve que sair, mas, continua dentro da escola, trabalhando pela capoeira, quem sabe, um dia, retorne a treinar. Capoeirista não é só aquele que sabe jogar, mas aquele que joga com a vida, sabe enxergar a vida de outras maneiras, ou seja, a capoeira de outras maneiras

Peço a Valdelice para destacar algumas mulheres que se projetam na capoeira, e ela já vai dizendo que gosta de ver na capoeira, aquela mulher que não se deixa discriminar pelo homem, mesmo não sabendo jogar bem, nem entendendo tudo, não deixa o homem pisar nela, como se fosse casca de jaca, e confirma:

[...] são mulheres fortes, nem que não tenham conhecimento profundo, nem saibam jogar bem capoeira, mas conheço algumas mulheres raçudas na Capoeira, tanto na Angola, quanto na Regional. As vezes foge na cabeça, mas, na Escola de Bamba, a Vermelha, gosto muito dela, ela encara o homem de igual pra igual, toda mulher deveria encarar o homem assim, dentro de uma roda de capoeira. Outra é África, nossa aluna, ela é dedicada, não se deixa levar, encara um homem de igual pra igual, se um cara bater nela e ela puder descontar, ela desconta, não se entrega, gosto de mulheres assim, que não se entregam, tem minha irmã Ritinha, joga uma boa capoeira, tem bom preparo físico, tem seus dotes. Na Regional, tem uma que foi casada com um aluno seu, não lembro o nome! Parece que é Brisa, não sei sobre o conhecimento dela, mas, a vejo assim

Lembra de outros nomes de que ouve falar como por exemplo, Janja e Paulinha, ex-alunas de Moraes, não as conhece pessoalmente, mas sabe que este mestre colaborou com incentivo e ensinamentos, para que o nome delas surgissem no meio da capoeira, prosseguiram e desenvolveram pesquisas nesse tema.

Revela, ainda, que não há tantas mulheres nessas características de que fala, “raçudas”, “competentes”, “firmes” naquilo que pratica.

Pergunto o que ela acha de Nice, ligada ao Mestre Angola e ela responde que gosta de vê-la jogar, mas tem certas coisas que não aprova; não só ela, mas qualquer mulher que chegue à roda para provar que é melhor do que o homem, já sai metendo o pé na cara dele. Agora, se o homem acha que a mulher é sexo frágil, aí você tem que mostrar mesmo que não é.

Sobre a importância de ser consagrada a primeira mestra de *Capoeira Angola* na Bahia e no Brasil, a Jararaca diz o que representa para ela:

Dentro da história da Capoeira Angola, nunca houve nenhuma mulher mestra, eu sou a primeira consagrada e isso agradeço a Mestre Curió e a outros mestres mais antigos que tive o prazer de conhecer, alguns já se foram e outros, estão aí. Quando eu ainda era treinel, contramestra, uns já diziam que eu era mestra, um exemplo é Mestre Diogo, da mesma época de Mestre Curió, uma competência na Capoeira Angola e ele chegava e dizia “pra mim,

“você já é mestra” e eu era contramestra, ficava com vergonha e até hoje, diz na frente do meu mestre, isso é um reconhecimento pelo meu esforço, minha capacidade e não só ele diz isso, mas outros mestres também, é um respeito mútuo, o mesmo que tenho por eles. Para mim foi uma surpresa, sei que quando ele forma um aluno, ele não revela antes, só no dia, sei que não fui mestra por acaso e acredito muito em reencarnação, espiritismo e se sou mestra hoje, é porque estava escrito, devo isso, as mulheres do passado que eu não conheci vendo, mas sinto como se estivesse conhecendo, então, foi uma surpresa e uma honra e estou cumprindo uma sina, tenho uma carga muito forte no meu ombro, que é levar em frente o que aquelas mulheres fizeram e não foram reconhecidas, existem vários livros de capoeira e não se cita nome de mulheres, só nome de capoeiristas homens, nem como mulheres valentonas, quanto mais mulheres capoeiristas

Prossegue, dizendo que sente em sua missão no mundo, honrar mulheres do mundo da capoeira e toda vez que fala nelas, acha que estão por perto, também, sua gratidão por Curió que na história da capoeira angola, foi o primeiro mestre que teve peito e coragem para consagrar uma mulher mestra.



Figura 57. A partir de janeiro de 2001, Valdelice Santos de Jesus, a primeira mestra angoleira da Bahia, junta-se à galeria de mestres. Da esquerda para direita, está Mestre Augusto Demolidor, Mestre Zé do Lenço, Mestre Curió, Mestre Wilson Pedra, Mestra Jararaca, Mestre Boca Rica, Mestre Lua de Bobó e Mestre Bigodinho.

Conta que na academia dele, sempre teve muitas mulheres, umas não prosseguiram, deixaram pelas razões já comentadas e, dessas, dentro da academia, a única que ficou e se dedicou profundamente ao ensinamento dele, à filosofia da capoeira, à continuidade do seu trabalho em vida e na posteridade, foi ela; que se expressa:

[...] não ganhei o título por acaso, agradeço a Deus, a João Pequeno que me colocou na vida da capoeira, é como meu primeiro pai na capoeira e o Mestre Curió que depois de João Pequeno, é responsável pelo que sou hoje, pelo conhecimento que recebi dele. É muito difícil um mestre formar uma mulher mestra, tem muitos que precisam acordar, pois, existem mulheres boas jogando capoeira angola, falando de capoeira angola e acho que eles têm medo de formá-las, eles tem que parar de enxergar só o homem como força maior dentro da capoeira, as mulheres quando querem, elas se dedicam até mais que os homens e quando esses morrerem, poucos homens dão continuidade ao trabalho deles, por isso, precisam deixar essas mulheres firmes para prosseguirem e se hoje é preciso de um papel para esfregar na cara deles, digo, na universidade, os mestres precisam dar para podermos esfregar na cara deles, ter a prova, apesar de não precisarmos de diploma dentro da capoeira, o meu está ali, antigamente não existia isso, porque o meu conhecimento nunca vai acabar, meu nome vai ficar pelo que sei fazer

A título de registro, pedi que a Mestre Jararaca citasse nome de mestres que jogam com ela e o que aprende nessa relação. Eis aqui o seu relato:

[...] quando mestre Curió fala do respeito entre um mestre e outro, da maneira de jogar, do conhecimento profundo da capoeira, de jogar e não se sujar, da delicadeza e cadência na roda dos mestres de antigamente, ainda existe, e mestre Curió é um deles, enxerguei tudo isso em Mestre Diogo, ele é uma decência em termos de capoeira, você não precisa jogar com ele, basta vê-lo jogar, é uma elegância, uma cadência e já tive o prazer de jogar com ele. Joguei com Mestre Virgílio, com o finado Bom Cabrito, Mestre Lua de Bobó, Lua Rasta, João Pequeno, joguei muito com ele, meu primeiro mestre e o Mestre Curió, que prefiro até vê-lo vadiar, a eu vadiar com ele, e outros que não joguei, como Paulo dos Anjos, não conheci Canjiquinha, mas já ouvi falar nele, têm Fernando que foi aluno de Pastinha, ele canta muito bem, Mestre Bigodinho que toca e canta muito bem, eles nos levam ao passado, eles têm uma mandinga diferente. Já joguei com Boca Rica, já vi João Grande jogar, agora sou fã, admiro dentro da capoeira Angola do meu tempo, sem desmerecer aos outros, Mestre Diogo, João Pequeno e Curió, eles são demais...



Figura 58. Mestre Jararaca jogando com Mestre Lua de Bobó. Estão reunidos os alunos de Mestre Curió e Mestre Lua e outros convidados, para se confraternizarem e trocar experiências. Janeiro de 2006. Salvador-BA. Arquivo: Amélia Conrado

Agora, Mestre Jararaca ocupa um lugar de igual para igual na galeria dos mestres da *Capoeira Angola* na Bahia; sua presença já demarca um respeito que os demais passam a dispensar a sua pessoa de forma diferente, uma nova situação que modifica um cenário que ficou intocável por tantos anos.

Percebi, no decorrer da entrevista, que a postura e ânimo de Mestre Jararaca mudou, se encheu de energia, firmeza e inspiração, enquanto seu pensamento, suas opiniões fluíam; o que nos levou ultrapassar um tempo mais ou menos estimado de entrevista.

Seguindo nesta direção, iniciativas vêm sendo realizadas em escolas de capoeira em Salvador para reconhecimento e evidência da participação da mulher nesse espaço.

Na data em que se comemora o *Dia Internacional da Mulher*, a Fundação Internacional de Capoeira Angola (FICA), dirigida pelo Mestre Cobrinha e Contramestre Valmir e outros integrantes, em parceria com outras escolas e instituições (ACANNE, ECAJPP, ZIMBA), vem promovendo palestras e debates sobre a questão da mulher no universo da *Capoeira Angola* na Bahia; esse

momento reúne angoleiras que vêm desempenhando importantes trabalhos onde são reverenciadas.

O trabalho da ECAIG, através de Mestre Curió, no incentivo às mulheres e meninas na prática da capoeira angola com qualidade e desempenho. Seu trabalho na periferia de Salvador, em Paripe e Periperi, junto à Fundação Araketo, com crianças e adolescentes, vem proporcionando uma nova educação e postura em suas vidas.

A data de *27 de janeiro de 2001* é um marco na história das mulheres na capoeira baiana. Nas comemorações do XII Evento, Curió consagrada sua contramestra perante mestres de renome e da comunidade, Valdelice Santos de Jesus, a *Jararaca*, como *Mestra de Capoeira Angola*, sendo a primeira a receber este título na Bahia.

Esse acontecimento tem levado outros mestres a reconhecerem que algumas alunas têm categoria, para receber níveis mais altos de graduação, o que lhes é negado, sendo atribuído somente aos homens.

Assim como os núcleos mencionados voltados para a referência cultural tão representativa entre nós como é a capoeira, espera-se que outros coloquem no centro de suas ações, a valorização e reconhecimento da importante colaboração das mulheres para o fazer desta expressão cultural.

Apesar dessa participação ativa neste movimento em Salvador, esses fatos vêm sendo recalçados da memória cultural e histórica, o que aponta para a realização de urgentes estudos e pesquisas voltados para tais questões.

É recente a proposta de estudos de determinadas categorias sociais até então não consideradas, o que remete a processos de construção de conceitos, como por exemplo, a invisibilização e recalçamento que é o mesmo que exterminar pessoas, e grupos. Paulo Freire comenta que

A prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia. Quão longe dela nos achamos quando vivemos a impunidade dos que matam meninos de rua, dos que assassinam camponeses que levam direitos, dos que discriminam os negros, dos que inferiorizam as mulheres (FREIRE, 1996, p.40)

Numa nova concepção de educação comprometida com o desenvolvimento humano e cidadania, esses valores necessitam ser repensados.

Acredito que, há quarenta anos, as mulheres na Bahia passaram a buscar a profissionalização enquanto capoeirista, o que já seria tempo de existirem mestras, contramestras, treinéis formando outras pessoas, fundando suas escolas. Por enquanto, existe entre nós uma mestra de *Capoeira Angola*, certamente, a primeira e única no Brasil; com isso, pode-se afirmar que os homens responsáveis pela formação profissional não estão reconhecendo e atribuindo os níveis mais elevados da graduação às mulheres.

Poderia justificar tal constatação de forma diferente, dizendo que, pela condição de múltiplas e complexas funções que exercem socialmente, dificulta a continuidade e conquista deste patamar de formação, também a responsabilidade destas com casa, criação de filhos, emprego, algumas com estudo, e isso dificulta prosseguirem, também os casos de ciúme do namorado ou esposo que se incomoda por estar participando junto a outros homens, treinando, jogando.

A exigência corporal que a prática da *capoeira angola* requer para domínio do seu aprendizado, que trabalha de forma geral, principalmente força muscular, devido grande parte dos deslocamentos, movimentos, golpes e defesa, requerer apoio simultâneo no solo de mãos e pés, em alguns, ainda a cabeça. As mulheres, que naturalmente são mais flexíveis, sentem mais com a exigência da força; porém, isso não é motivo para não praticarem; uma dificuldade é o que está inculcada na nossa formação, uma ideologia de “fragilidade física” que foi reforçada nas normas da prática educacional instituídas através da Educação Física, sua vinculação à Biologia, à manutenção da saúde e da higiene, o que contribuiu para a separação de turmas femininas e masculinas. Hoje, já existem aportes das novas teorias e questionamentos dos estudos feministas para combater os estigmas e ideologias da naturalização.

Castelanni Filho (1991), professor de Educação Física, fez uma importante abordagem no campo da Educação Física e a influência do higienismo na educação brasileira, as diferenças de habilidades físicas e esportes determinados para os sexos, que até hoje continuam controversos.

Também as separações de alunos e alunas na escola, com exigências e distintas valorizações contribuíram e fortaleceram a dicotomia sexista da sociedade e isso dificultou que jogos ou atividades físicas tidas como “femininas” ou “masculinas” fossem propostas a ambos os sexos.

Por tais razões, é imprescindível que se produza estudos que entrelacem áreas de conhecimento e categorias diversas como, por exemplo, capoeira, relações de gênero e história social, que as escolas em geral, através de seus projetos pedagógicos, criem estratégias de intervenção nas aulas, partindo do reconhecimento das formas de instituição das desigualdades sociais, abordando a co- educação, que é educação em comum, conjunta, de pessoas de diferentes sexos, considerando igualdade de oportunidades entre os gêneros.

Porquanto, a diferença sexo/gênero sobre a igualdade de oportunidades esquece a hegemonia do discurso disciplinar androcêntrico e a estrutura hierárquica patriarcal das instituições educativas (COSTA; SILVA, 2002)

Relações de gênero são mais amplas que interações face a face entre homens e mulheres; engloba economia e Estado, assim como família e sexualidade. Gênero é categoria contraditória, dinâmica e complexa.

Em relações de poder exercido por pessoas de qualquer sexo não deve prevalecer a supremacia de um sobre o outro, mas o respeito entre sujeitos co-partícipes, como chama a atenção Oliveira (2005, p.249- 250):

[...] o empoderamento das mulheres mudou muito a sociedade em todo o planeta. É a própria pessoa que conquista o seu poder e que o exercita. [...] o empoderamento poderia ser análogo à autonomia, uma vez que isso implica a possibilidade de relações pacíficas, respeitadas, educativas, igualitárias, solidárias

Os espaços de pluralidade de convivência na capoeira, que são privilegiados por reunir, muitas vezes, pessoas de diferentes idades, nacionalidades, sexos, níveis culturais que jogam entre adversários, necessitam exercitar relações em equilíbrio de força. Para tanto, essa discussão deve ser levantada e tratada aí, o que certamente transcenderá para outros espaços.

Atualmente, entre as mulheres no Brasil, constata-se que, independente da sua classe social e econômica, a postura de uma atitude de autonomia dentro de casa, no trabalho, na voz ativa, conduzidos pela sua capacidade de coerência, sensibilidade, força de afirmação.

Existem aspectos que são positivos como, por exemplo, as mulheres em nossa sociedade conquistaram um índice mais elevado de escolarização, mesmo obrigando-se em predominância pela responsabilidade na criação dos filhos, da casa, do levantar renda e estudar; suas jornadas de trabalho e atividades em

excesso, significa uma superexploração, uma violência, e é preciso distribuir eqüitativamente essa sobrecarga com os homens.

Na capoeira, nós, mulheres, estamos utilizando várias estratégias para demarcar nossa presença, e uma delas são as rodas femininas como atitude política, onde o poder, a liderança, organização, desenvolvimento e conclusão do ritual, tocado, cantado e jogado é de total responsabilidade, compreendendo essas rodas como um símbolo político e não como uma separação que vai de encontro com princípios fundamentais da arte e metodologia plural de constituição da capoeira.

Com isso, percebe-se melhor a qualidade da sua competência, a beleza de seus movimentos, a força, o conhecimento e domínio das técnicas, dos rituais, das lições, das obrigações, dos tempos rituais, a busca de integração, harmonia, conjunto.

Devido à importância desse movimento social na contemporaneidade que rompe barreiras de difícil transposição, uma política de educação multicultural precisa considerar e incluir verdadeiramente o respeito e atenção às mulheres, combatendo a violência existente no meio social.

3.3 CONTEMPORANEIDADE NA CAPOEIRA: USO TURÍSTICO, MERCADO DE BENS, OBJETO DE EXPORTAÇÃO E MODALIDADE “ESPORTIVA”?

Capoeira é uma arte de muita habilidade corporal originada da sabedoria de danças e lutas ancestrais de povos africanos, cujo princípio advém da preparação através de ritos para se aprender a vencer etapas que a vida e os costumes estabelecem, desenvolvendo poderes espirituais, físicos, mentais que possuímos, e que na sociedade moderna contemporânea, fomos deles afastados.

A roda de capoeira, onde quer que aconteça, continua atraindo rapidamente, aqueles que passam e param para observar, se divertir, ficar em suspense, devido àquele jogo de corpo entre duas pessoas. Percebido pelos praticantes, esse poder que possui, a sua roda e seu jogo, se desdobraram e serviram para diversos fins, e é com base nisso que verifico alguns.

Historicamente, a rampa do Mercado Modelo era lugar onde nas horas livres, os capoeiras realizavam o jogo, que atraía a atenção das pessoas que

passavam naquele lugar; nos dias de hoje, encontram-se neste Mercado pequenas lojas que vendem berimbaus, camisas e calças de capoeira, atabaques, caxixis e uma variedade de artigos voltados à cultura afro e popular da Bahia; é no Pelourinho e Cidade Baixa que detém maior número de vendas de artigos de capoeira.

Numa breve descrição, este mercado na entrada principal possui largo terraço, onde são postas mesas e cadeiras que servem a dois restaurantes, aí existe um pequeno palco, onde praticantes de rua e grupos de capoeira fazem exhibições, que, ao final, rodam o pandeiro para pedir ajuda em dinheiro aos expectadores e pessoas que ali estão.

Já na cidade alta, no Terreiro de Jesus, no Pelourinho, antigo pátio da Faculdade de Medicina da UFBA, capoeiristas no dia-a-dia expõem para vendas e trocas, seus artefatos, que neste contexto tocam berimbaus, dão informações a pessoas interessadas, fazem contatos, rodas e jogo.

Recentemente, vêm dividindo o espaço com grupos de mulheres que trabalham no trançar de cabelos na moda afro, para turistas e o público em geral. Elas se organizam com cadeiras, espelho, anúncios em cartazes sobre tais serviços. É o cabeleireiro a céu aberto; tal atividade, acredito que aconteça desta forma, somente em Salvador, consequência do trabalho de afirmação da estética e beleza negra pelos movimentos negro, o que vem permitindo uma nova forma de trabalho e renda.

Nas sedes das escolas e academias de capoeira no Pelourinho, existe espaço adaptado para a lojinha de produtos voltados a essa cultura, assim como na rua e noutras lojas de artigos variados que concorrem, vendendo desde berimbaus, reco-reco, pandeiros, atabaques, caxixis, artigos religiosos, outros artesanatos, até jóias; porém, os instrumentos musicais da capoeira, e principalmente, o berimbau, são fabricados aqui de forma artesanal.

O que é produzido pelos capoeiristas é distribuído entre seus espaços para ser comercializado, a exemplo de *Compact disc*-CD, DVD, livros, revistas, camisas personalizadas, entre outros, aí também são trocadas informações e divulgação de eventos comemorativos, batizados, festejos do cotidiano da capoeira.

As escolas de capoeira são visitadas por pessoas que vêm conhecer os mestres e sua arte, porque alguns são referências no cenário local, nacional e mundial, a exemplo dos angoleiros Curió, João Pequeno, Boca Rica, Pelé da Bomba, Lua de Bobó, Pelé do Tonel, Lua Rasta e outros. Os regionais Bamba,

Cafuné, Nenel, Itapoan, entre outros. Alguns destes com suas escolas no Pelourinho.

Existem, na numerosa comunidade capoeirística, aqueles que têm uma importância neste processo de manutenção da capoeira na Bahia, mas não adquiriram fama. Mestre Gajé é uma referência da capoeira de rua, do Mercado Modelo, ele continua fazendo música, vendendo mercadorias e movimentando essas ruas e ladeiras do centro histórico, não esquecendo dona Odete, com idade avançada, ex-aluna de Mestre Pastinha, numa época em que ela treinava escondido e separada dos homens. Ela encontra-se, geralmente, no Pelourinho, observando sentada, o movimento.

No Pelourinho, desde a reforma urbanística na década de 80, lojas, restaurantes, centros de estudos e pesquisas voltados para a cultura baiana se estabeleceram neste local, além de museus, bancos, pequenos *shopping*, centro de informações turísticas, diversas escolas de arte, a exemplo da Escola de Dança da Fundação Cultural do Estado da Bahia (EDFUNCEB), Escola Criativa do Olodum, Escola Didá, Projeto Axé, Balé Folclórico da Bahia, entre outras. Permanecendo a Fundação Mestre Bimba, escola tradicional de *Capoeira Regional*, criada pelo Mestre Bimba em 1937, a Escola de Capoeira Angola Irmãos Gêmeos de Mestre Curió (ECAIG), fundada em 7 de janeiro de 1982, a Associação Brasileira de Capoeira Angola (ABCA), fundada em 18/07/93, a Fundação Filhos Bimba (FFB).

Nesta ambiência, abriram restaurantes e casa de *shows* folclóricos, cuja programação consta o quadro *Capoeira* que chama a atenção dos expectadores pela exibição da destreza corporal, ou seja, seqüências sucessivas em velocidade, de saltos mortais, armadas, aú sem mão, ficando sem evidência, a forma primordial de expressar a técnica que é o jogo dois a dois, independente do estilo.

Acredito que devido o processo incitado pela *Capoeira Regional* de Mestre Bimba no recriar radical da capoeira tradicional para um novo modelo após 1928 em diante na Bahia, favoreceu novas reelaborações e posteriormente, o direcionamento artísticos de produtores de *shows* folclóricos para impressionar as platéias, que sem dúvida alguma, o domínio e a capacidade técnica dos “capoeiristas” é notável.

Destaco que a presença dos homens fazendo essa cena é predominante; todavia, quando em festejos públicos, festas cívicas, onde grupos de capoeira participam. No interior de grupos, as mulheres também realizam tais acrobacias.

A saída de capoeiristas da Bahia para o exterior é constante; geralmente, são remunerados de forma melhor pelo seu trabalho, diferente da realidade em nossa cidade que pouco recebem por esta atividade e nessas viagens, que uns vão para ministrar cursos, oficinas, palestras, outros para atuar em *shows* em companhias de dança. Há aqueles que vão para se fazer presentes em eventos comemorativos de escolas e academias existentes nos diversos países, entre outros objetivos; todavia, o marco desse fenômeno deu-se a partir da década de 60, quando bons capoeiristas foram incorporados em companhias de dança que seguiram em viagens, a exemplo do *Grupo Folclórico Viva Bahia, Brasil Tropical*, onde muitos se estabeleceram noutros países.

No intuito de se verificar esse fenômeno de exportação da capoeira e da imigração de capoeiristas e dançarinos em busca de oportunidades no exterior, através das companhias e grupos de danças folclóricas e parafolclóricas, evidencio no quarto capítulo da tese, através da folclorista Edva Gomes e do Mestre de Capoeira Vermelho de Pastinha, suas experiências junto a esses fatos.

3.3.1 A Regional: Uma Capoeira da Modernidade e Esportivização

Abordar a Regional é identificar o surgimento de um processo de modernização da capoeira surgido na primeira metade do século XX na Bahia, a partir dos conhecimentos de Manoel dos Reis Machado, o Mestre Bimba e de um recém-chegado, o cearense Sisnando³⁵, praticante habilidoso de *jiu-jitsu*, que queria aprender capoeira, escolhendo este mestre para ensiná-lo, devido suas qualidades como capoeirista, juntos, puseram em prática a *Luta Regional Baiana*, onde conta com propriedade o Mestre Decânio, amigo e discípulo da confiança do Mestre Bimba:

Cisnando logo induziu o Mestre Bimba a enriquecer o potencial bélico da luta negra pelo acréscimo de movimentos oriundos de outros processos culturais africanos e alguns raros de outras origens ampliando seus recursos pugilísticos e a registrá-la sob uma nova denominação, batismo que disfarçaria sua origem numa atividade legalmente proscribida! [...] durante uma visita do Presidente da República ao Palácio da Aclamação...uma nova exibição da capoeira baiana, o Dr. Getúlio Vargas entusiasmou-se e apoiou a *Luta Regional da Bahia* como lhe foi apresentada a capoeira [...]

³⁵ Sobre o Dr. José Sisnando Lima, encontra-se dados sobre sua biografia no artigo *As raízes da Regional*, escrito pelo Mestre Ângelo Decânio, na Revista da Bahia, nº33, julho de 2001.

assim é que foi a capoeira rotulada como “Luta Regional Baiana” ganhando título de cidadania fugindo à pretensa marginalidade adquirindo o direito à liberdade de ensino e à prática regulamentada. (FILHO, 1997, p. 117-118).

Este acontecimento deu novo rumo a favor desta expressão de defesa pessoal que em 1953 levou o presidente Getúlio Vargas a expressar, “A capoeira é o único esporte verdadeiramente nacional” e descriminalizá-la.

É dito pelo referido autor que esta adaptação era o caminho pelo qual o Mestre Bimba pôde introduzir a capoeira no meio social da época e Sisnando, com sua influência, colaborou pra isso, vale ressaltar que ele foi o primeiro aluno branco da classe social dominante em Salvador a ser admitido pelo mestre. Como memória, o nome dos pioneiros iniciados na Regional, “Dr. Jayme Tavares, Dr. Newton Salles, Dr. Ruy Golveia, Dr. Cisnando Lima, Dr. Delsimar, Fouche Dalton, Zulfredo, Dr. Jairo, Brasilino, Delfino, Atenili, Manoel Rozendo, Maia, Edvaldo “Rosa” (filho de Bimba)”, conforme relata Decânio, (1997, p. 35), a partir de informações do Mestre Pastinha.

A produção desse novo código incorporou padrões da escola oficial, acadêmica, objetivando a aceitação e *status* social, o que é percebido através das características principais instituídas pela Regional, ou seja, o “exame de admissão”, a “seqüência de ensino de mestre Bimba”, a “formatura”, o “curso de especialização”, entre outros, como destaca e aprofunda Campos (2001) em seus estudos.

Para se afirmar enquanto uma técnica de luta, discurso e prática enfatizaram a “imbatividade”, “eficiência”, “competitividade”, o que foi marcante e responsável por construir um determinado modelo no qual, a população passou a conceber, visualizar capoeira pelos canais de comunicação. Relembro que numa aula ministrada na disciplina *Capoeira I* na FACED-UFBA em 2004, o Mestre Xaréu, professor Hélio Campos, ex-aluno do Mestre Bimba, relatou que qualquer atividade em que o mestre Bimba e sua academia participassem, era exigida aos alunos, publicação de nota em jornal, atitude que permite hoje, entrarmos em contato com o que se difundia em torno da Regional.

Encontra-se referência desses jornais tratando do movimento da Regional, na obra de Almeida (1994), onde retiro alguns títulos de matérias e ano de publicação, tais como, “Uma festa esportiva original” em 1934; “Bimba desafia

capoeiristas baianos” em 1936; “ Mestre Bimba, campeão na capoeira desafia todos os lutadores Bahianos” em 1936; “ A noitada pugilística de hoje no Parque Odeon. Lutas que empolgam” em 1936; “ Os negros lutam suas lutas misteriosas Bimba é o grande rei negro do misterioso rito-africano” em 1944; “ Capoeira is potent weapon against Brazilian muggers”³⁶, EUA em 1946; “ A capoeira estilizada por Mestre Bimba será dada a ver pela primeira vez em São Paulo, provavelmente no dia 8 no Ginásio do Pacaembu- Aceitam qualquer desafio” em 1949; “ Capoeira não é só luta: é também um ballet” em 1957, “ Capoeira é dança do diabo” em 1968; “ Mestre Bimba não vê final de simpósio para voltar à Bahia e unificar capoeira ” em 1969...



Figura 59. Manoel dos Reis Machado, o Mestre Bimba, criador da Luta Regional Baiana, depois chamada de Capoeira Regional, na década de 30. Arquivo: Fundação Cultural do Estado da Bahia

O paradigma da Regional se constrói concebendo capoeira como luta, *performance* e eficiência, o que, apesar da criação de nova linguagem, o seu

³⁶ Sendo a tradução do título “Capoeira é arma potente contra assaltantes brasileiros”, como cita Almeida (1994, p. 30).

idealizador maior, manteve presente elementos da referência cultural africana da capoeira na Bahia, como os cantos, os ritmos, os instrumentos, o jogo numa roda, ensinamentos da vida através de suas histórias, suas expressões e filosofias e os ensinamentos técnicos.

Estudos já realizados, que apontam correlações entre a Capoeira Angola e a Regional, trazem pontos de vista divergentes, (VIEIRA, 1988; FRIGERIO, 1989; ARAÚJO, 1997; MATSUMOTO, 2001; SANTOS, 2006, e outros).

Portanto, ao analisar a maneira como se constituíram-se, mantêm e se relacionam na Bahia, seu lugar de origem, afirmo serem grandes as diferenças entre as duas, principalmente em termos do conteúdo que transmitem e formam seus alunos.

A Angola transmite e mantém fundamentalmente, aspectos fortes de uma ritualidade e ancestralidade calcadas na religiosidade afro-brasileira, que é o fio condutor da sua base filosófica e prática.

A Regional deve ser observada criteriosamente em dois tempos históricos, com a presença do Mestre Bimba transmitindo conhecimentos, que são evidentes os elementos da sua cultura de descendência africana na coerência aos elementos recriados, e, após sua morte, em que o ensino transmitido por outros seguidores e também daqueles que formou, sofreu novas recriações e incorporou valores que afetaram aspectos da identidade e identificação, da técnica, da metodologia, da formação, onde aconteceu em predominância, uma adequação às leis e normas do esporte, pauta-se em paradigmas tecnicistas, que têm na aptidão física, no adestramento, no treinamento, na eficiência, seus princípios.

Dentre algumas posições, Matsumoto (2001), pela análise da organização das rodas e das técnicas corporais, apresenta aspectos que marcam as diferenças e significados entre as capoeiras angola e regional e justifica que:

[...] a fragmentação da capoeira em duas vertentes veio concretizar as diferentes estratégias colocadas em prática pelos africanos e seus descendentes em nosso país, seja pela condição de escravos, seja na de homens livres ou libertos, perante o poder branco
(MATSUMOTO, 2001, p. 141)

Contudo, o processo de continuidade de núcleos culturais como os de capoeira permanecem;

[...] enquanto a Angola parece privilegiar a função ritual da roda ao utilizar uma diversidade e um número maior de instrumentos musicais e ao praticar uma longa introdução pontuada por gestos de ordem religiosa, a Regional, eliminando certos instrumentos e abreviando certas operações, procura valorizar a performance corporal em detrimento do ritual (MATSUMOTO, 2001, p. 142).

A Regional trouxe no seu processo de estruturação, a capacidade de reinventar; traço preponderante da visão e postura do Mestre Bimba e seus alunos que implementaram a Regional, somados para difusão:

[...] todos conversaram, discutiram, inovaram, nomes, técnicas, esquetes, seqüências, aparelhos, exercícios, movimentos, histórias, ditos chistosos, brincadeiras, patotas, anedotas, que o mestre ouvia, matutava, aprovava ou não e integrava ao repertório ou não! [...] “Prá pude aprendê cum todú mundu”! Assim a “regioná” não parou de crescer, de evoluir! (FILHO, 1997, p. 150)

Essa característica levou a geração de um processo acelerado de recriações por praticantes deste estilo, o que se percebe hoje, entre os milhares de adeptos, grupos, academias, escolas, um desconhecimento sobre a história, as características, a metodologia, os personagens que compõem o conjunto de conhecimentos que constitui a *Capoeira Regional* criada na Bahia.

Nessa direção, ilustro com palavras do Mestre Itapoan, Raimundo César Alves de Almeida, ex-aluno do mestre Bimba e autor de significativas obras³⁷ sobre a capoeira Regional. Em palestra proferida na Faculdade de Educação da UFBA pela ocasião do seminário³⁸ das disciplinas *Capoeira I e II* do Curso de Educação Física em 2003, relatou que:

[...] quando se trata de Capoeira Regional, há uma resistência muito grande, porque uma pessoa chegou e modificou a capoeira, deu um cunho diferente, mas é esse processo, num universo menor, não foi o Mestre Bimba só, foi o mestre e seus alunos que acabaram chegando a essa conclusão da Capoeira Regional, uma transformação também que as pessoas deveriam louvar. Durante

³⁷ O Mestre Itapoan possui artigos, revistas e livros publicados, dentre estes, *Bimba, Perfil do Mestre; Atenilo, o Relâmpago da Capoeira Regional; Bibliografia Crítica da Capoeira; A Saga do Mestre Bimba; Revista Negaça*, Volumes, I, II, III e IV; *Erasmus de Almeida Meu Pai*, entre outros.

³⁸ A atividade acadêmica foi produzida por todos os alunos e professora das disciplinas Capoeira I e II do Curso de Educação Física da FACED/UFBA em 05 de novembro de 2003, sendo seminário e exposição de painéis, intitulados *Capoeira na Bahia: sua ação pedagógica, política e social*, cuja mesa-redonda discutiu o tema, *O Ensino da Capoeira na Bahia: diversidade, criatividade e meio de enfrentamento na dinâmica da sociedade brasileira*. A transcrição desse material foi realizado por Júlio César Souto Oliveira, aluno da disciplina Capoeira I.

anos, quase noventa por cento da capoeira que a gente conhece no Brasil e no mundo segue a linha da Capoeira Regional [...] A gente coloca esse criou até entre aspas, mas que o Mestre Bimba jogou aí na praça...Segundo as palavras dele, ele tentou devolver a feição de luta que a capoeira tinha perdido, a Bahia tem se folclorizado muito, e passou a ser utilizada unicamente para exposições e acabou ficando só a pantomima parte da luta que era antigamente [...] então, Mestre Bimba queria resolver essa feição de luta, ele era um grande lutador também, e talvez, a personalidade dele tenha influenciado muito neste tipo de coisa. Ele começou a dar uma postura diferente para seus alunos, que tinham uma postura mais agressiva, sem ser, violento; um jogo mais para dentro, um jogo mais objetivo, onde muitas vezes, vê o capoeirista Angola dizer que “não precisa dar o golpe, agente mostra o golpe quando necessário” e o Mestre Bimba tinha uma visão diferente, dizia que você tinha que aplicar o golpe...porque, “quando a gente recebia o golpe, a culpa não é de quem deu, é de quem recebeu...” Se eu dou um golpe certo e você sai errado, vá treinar defesa. Ele tinha essa coisa da objetividade, começou a dar uma postura mais ereta, o capoeira mais em pé, golpe mais esticado, mais plástico, isto criou uma metodologia...A Capoeira Regional é uma capoeira dinâmica [...] ela vem sofrendo influência e se ele estivesse vivo, estaria criando e inventando outras coisas. Quando ele resolveu fazer a Capoeira Regional, criou os toques no berimbau para o ritmo dele, que não são os mesmos como no jogo de Angola, criou nos movimentos, algumas saídas quando se fosse agarrado, pois, era voz corrente naquele tempo que o capoeirista ao ser agarrado, acabava o jogo pra ele. Então, a luta de capoeira era uma luta de espaço e na hora que se segurava, acabou para ele, mestre Bimba criou os movimentos que chamava de golpe ligado, que era para você se sair quando fosse agarrado, não o capoeirista dele procurar agarrar como se faz hoje em dia, os golpes ligados a ser os agarrões de hoje, então, para o capoeirista regional, agarrar alguém, é para ele ter saída quando for agarrado, mas, as pessoas deturparam muito isso, e hoje, com esse culto ao corpo que tem por aí, a Capoeira Regional vem sofrendo, porque todo mundo que começa a dar saltos e mais saltos, ou seja, as pessoas passam mais tempo no ar que no chão, começam a chamar isso de Regional e se fica quietinho, é Capoeira Angola, se a pessoa joga em cima, é Regional, se joga em baixo, é Angola, tanto a Angola como a Regional, jogam em baixo, no meio e em cima, em qualquer lugar, dependendo da ocasião. Houve uma deturpação muito grande da Capoeira Regional, e a imagem passou a ser ligada a esses saltos horríveis que dão por aí, o pessoal está fazendo ginástica no ginásio errado, dizendo que está fazendo capoeira...

O humor, a ironia e sagacidade de que Mestre Itapoan é portador, levou um auditório superlotado por estudantes, capoeiristas, pesquisadores, simpatizantes, amigos, discípulos, professores na Faculdade de Educação, a dar risadas, se envolver, questionar e obter informações importantes através da maneira como ele transmite conhecimentos a todos os presentes.



Figura 60. Na disciplina *Capoeira I*, do Curso de Educação Física da UFBA, conhecimentos da Capoeira Angola e da Capoeira Regional são apreendidos no processo do curso, por serem as duas escolas de formação em termos da Capoeira na Bahia. Na foto está o professor Hélio Campos, Mestre Xaréu, ex-aluno de Mestre Bimba, desenvolvendo com a turma a “Seqüência de Ensino do Mestre Bimba”.

A pesquisadora Isabele Santos, através de sua dissertação³⁹ de mestrado intitulada, *Construção/afirmação da identidade étnico-cultural: a educação nos grupos de capoeira em Salvador* (2006), analisou a dinâmica da construção de identidade étnica afro-brasileira em grupos e academias de capoeira em Salvador/Bahia, e como tal aspecto perpassa sua prática pedagógica. Elegeu a Academia de João Pequeno de Pastinha (Capoeira Angola) e o Grupo Luanda (Capoeira Regional), como unidade de estudo e constatou que são expressões distintas de uma mesma matriz; mesmo diferenças de identidade, se cruzam no interior do grupo de capoeira; não se configura sistematicamente um projeto de identidade étnica, mas ele perpassa as ações do grupo se expressando em elementos fundantes da ancestralidade africana e é transmitido na prática pedagógica a partir da incorporação de elementos próprios desta ancestralidade como a oralidade, as bases em que se sustentam a hierarquia do grupo, a roda de

³⁹ O estudo citado no nível de mestrado, no momento da elaboração desta tese, encontra-se em processo de construção, portanto, em versão preliminar, para posteriormente, ser defendido publicamente. O ano de referência é 2006.

capoeira como espaço privilegiado de aprendizagem e o corpo como fonte de expressão cultural.

O autor e pesquisador Araújo (1997), em sua obra, dedica capítulo sobre *as múltiplas transformações da capoeira no cenário nacional* e identifica como uma das transformações da capoeira ser, de uma prática de defesa pessoal para uma prática desportiva, explicando que:

[...] em decorrência das contingências sociais e peculiares de cada sociedade, muitas foram às práticas marciais que durante o fim do século XIX e no decorrer do século XX modificaram a sua estrutura principal de manifestação belicosa para transformarem em expressões de defesa pessoal, adequando-se, deste modo, às determinações jurídicas emanadas para disciplinar as condutas sociais e práticas e dos homens e exigidas pelo mundo civilizado. Aliada a estas determinações, concorreu igualmente para a determinação de modificações estruturais das práticas referidas a evolução tecnológica dos materiais bélicos, os quais, promoveram o obsolescimento das lutas corpo-a-corpo, salvo em ocasiões pontuais em que eram estas, exigidas nos encontros entre os beligerantes (ARAÚJO, 1997, p. 203).

Contudo, ressalta a prática da capoeira inserida no processo de desenvolvimento social brasileiro é preciso considerar as peculiaridades.

Identifica como gênese da mudança para uma prática desportivizada, as teorias difundidas pelos intelectuais da época, Lima Campos (1909), Melo Morais Filho (1946) e O. D.C (1907) sendo estes, pioneiros na fundamentação dessa perspectiva onde:

[...] construíram concepções nacionalistas que buscavam afirmar as práticas culturais da raça negra no Brasil e o carácter de brasilidade das mesmas, associando, nesta fase de recuperação da Capoeira, como efectivos praticantes desta luta nacional, militares, professores, frades, políticos, policiais e membros da nobreza brasileira, depurando, de certo modo, o aspecto negativo outrora manifestado por esta expressão corporal (ARAÚJO, 1997, p. 204-205)

É instaurado na política nacional, estratégias de cooptação de elementos da cultura de etnias formadoras da civilização brasileira que não são oficiais, como a africana. O resultado desse processo, analisado no século XXI no âmbito da referida expressão, é que se identifica as transformações e adaptações que continuam acontecer na cultura da capoeira em nosso estado.

Assim, alguns segmentos, estilos, escolas permanecem firmes na sua afirmação política de identidade cultural originária e propósito de resistência contra a dominação; outros tentam recuperar seus princípios e práticas fundamentais para prosseguir, mas acatam demandas oficiais; há quem se utiliza dela unicamente como objeto de exploração, consumo e objeto de exportação sem medidas, o que é uma violência ao patrimônio comunitário.

No jogo das re-visões entre os estilos angola e regional, Araújo (1997) afirma: “[...] apesar da introdução de movimentos de outras práticas de defesa – pessoal no contexto do estilo de *Capoeira* conhecido como Regional, não foi diagnosticada qualquer descaracterização da prática que o originou” (ARAÚJO, 1997, p. 214), este se reportando ao período de seu surgimento na sociedade baiana.

De lá para cá, são passados 70 anos entre períodos de difícil convivência, o que hoje já se nota uma certa tolerância, porém;

[...] apesar da actual convivência dos dois estilos conhecidos, Angola e Regional, é visível na sociedade brasileira a predominância deste segundo estilo na maioria dos estados brasileiros, quiçá por se apresentar como método de luta eficiente e eficaz nos confrontos em que se exigiam técnicas de defesa-pessoal, ou de natureza desportiva.[...] que face à migração de muitos aprendizes deste último estilo para outros rincões nacionais, concorrem em grande escala para a difusão do novo método de exercícios de agilidade e destreza corporal, retratando pela sua característica de alta combatividade e eficácia, assim como por sua adaptação aos requisitos desportivos. (ARAÚJO, 1997, p. 214-215)

Por essa diferença de concepção é que a Capoeira Angola não se identifica e não se concebe como esporte, mas como uma linguagem artística e cultural afro-brasileira.

Se para conseguir aceitação social a Capoeira Regional ergueu seus princípios teóricos e práticos recorrendo à fundamentação pela Educação Física e Esporte, o que contribuiu para um novo conhecimento, hoje, vem se tornando uma ameaça para o exercício pleno de muitos capoeiristas regionais e de outras tendências na nossa cidade. Recentemente, pela exigência em lei de uma qualificação profissional controlada pelo Conselho Federal de Educação Física (CONFEF) e Conselhos Regionais de Educação Física (CREFS), nos parâmetros estabelecidos por eles, desconsiderando nossa realidade social no nível da carência e acesso à escolarização de grande parte das pessoas, ela correu o risco de ser

suprimida em seu poder e autonomia de ensino pela sua comunidade legítima, os capoeiristas de fato e de direito, o que nunca deverá ser permitido. Conselhos federais e regionais devem travar luta em favor do acesso à escola de alto nível e qualidade para a comunidade nordestina e brasileira.

Todavia, uma coisa continua certa, a capoeira é uma expressão cultural fascinante; e em nossa cidade, a Angola, a Regional e a Contemporânea, desenvolvem trabalhos relevantes na dimensão do ensino, da difusão cultural, da afirmação de identidade de lugar, da promoção de emprego e renda e da ação social e comunitária, cuja dimensão de formação envolve crianças, adolescentes, jovens em todos os bairros, das diferentes classes sociais de Salvador e do interior baiano.

A Regional na Bahia, após a morte do Mestre Bimba perdeu a força da expressão africana de onde ela se originou, processo analisado pelo fiel e brilhante aluno de Bimba, relatado pelo historiador Frede Abreu quanto aos aliados brancos da “regional” e o projeto de esportivização desta:

[...] enriquecidos existencialmente pela sabedoria africana que a capoeira de Bimba transmitia, ao Mestre foram gratos, na medida em que se transformaram em aliados-condutores do seu projeto negro e visionário de afirmação sociocultural e expansão da capoeira. Contudo, na perspectiva de vida desses aliados, a capoeira não se situava no primeiro plano[...] assim, um desvio trágico se instalou no curso da “regional”, um vazio cultural, que se aprofundou ainda mais, na medida em que ela foi se desraizando do seu ambiente étnosocial, principalmente após a morte de Bimba, em 1974. Aí Decânio se afastou (FILHO, 1997, p. 261)

Os novos regulamentos oficiais, as federações, confederações, os documentos que surgem sem nenhuma referência cultural afro-brasileira, somente técnico-desportiva com juízes, árbitros, medalhas, competições, identificam o paradigma da Capoeira Regional, aonde antes, a graduação com o *lenço de seda* passa para *cordões* na cintura em inúmeros tons e inúmeras graduações e o desconhecimento histórico da consciência crítica da sua gênese e do significado de seu maior inventor pela atual geração. Nesses rumos, a influência da Regional levou na Bahia, alguns angoleiros e suas escolas a incorporarem os processos característicos dessa outra referência em algumas escolas e academias, o que surgiu ironicamente na comunidade, o capoeirista “Angonal”, que nem é angola nem regional, mas dizendo-se das duas.

Sediada no Pelourinho, a *Fundação Filhos de Bimba*, dirigida por um dos filhos legítimos do Mestre Bimba, o Mestre Nene, com o apoio do Mestre Cafuné e

Mestre Decânio, foi criada com o intuito de recuperar o curso da Regional; os procedimentos, a maneira e memória de um personagem da história cultural da capoeira baiana:

Nos anos 90, os “Filhos de Bimba” levantam a bandeira do renascimento da “regional”: reconquistar a originalidade do seu passo, toque e canto, a sua forma clássica de expressão. Um empreendimento no qual estão incluídos a reafirmação da importância sociocultural do mestre Bimba e uma leitura crítica sobre o destino histórico da “regional” (FILHO, 1997, p. 263).

Caminhos marcados por processos que oscilam entre descontinuidade e continuidade; entretanto, o legado de Mestre Bimba permanece de diversas formas pela educação que proporcionou à sociedade e a formação de seus alunos que fundaram escolas no segmento da Capoeira Regional.

Dentre seus ex-alunos, estão: “Decânio, Senna, Medicina, Piloto, Formiga, Nenel, Chapéu Vermelho, Menezes, Itapoan, Boinha, Gigante, Angoleiro, Borracha, Cafuné, Xaréu, entre outros”, (ALMEIDA, 1994, p. 112), que contribuem em campos de ensino e de pesquisa, com depoimentos, apresentações, produção de livros, discos, intercâmbios e outras atuações.

Outros núcleos de referência em Salvador são: *Associação de Capoeira Mestre Bimba*, dirigida pelo Mestre Bamba, Rubens Costa Silva, situada no Pelourinho, é o local do antigo Centro de Cultura Física e Regional do Mestre Bimba; a *Ginga Associação de Capoeira*, dirigida pelo Mestre Itapoan, já referendado neste estudo, situada no bairro de Itapuã, que preserva na formação princípios fundamentais da Regional, outros núcleos fundados por jovens mestres, como Marinheiro, Valcir Batista Lima, formado pelo Mestre Bamba, que dirige o *Grupo de Capoeira Regional Ginga e Malícia*, recentemente selecionado pelo Ministério da Cultura, como um “Ponto de Cultura de Capoeira”, a sede fica no bairro do Engenho Velho da Federação.



Figura 61 e 62. Inauguração do Ponto de Cultura de Capoeira Ginga e Malícia no Bairro Engenho Velho da Federação. Descerrando a placa, o senhor Juca Ferreira (Ministério da Cultura), Mestre Marinheiro (presidente da instituição de Capoeira Regional) e o sr. Paulo Lima (presidente da Fundação Gregório de Matos). Em janeiro de 2006.

Exemplifico com a atuação do Mestre Marinheiro, que como tantos outros, edificou seu trabalho no bairro que reside, tem acolhimento de uma Escola Municipal para desenvolver aulas e atividades. Os alunos da escola pública passam a integrar o *Ginga e Malícia* e formam-se professores, contramestres, mestres e adquirem possibilidades de ascensão através da capoeira. Neste grupo, percebi muitas capoeiristas na liderança, na organização e realizando programação no dia 8 de março para discutir junto à comunidade, a ação e luta das mulheres na sociedade.



Figura 63. Jogo de Capoeira Regional pela inauguração do Ponto de Cultura de Capoeira Ginga e Malícia, sob a direção de Mestre Marinheiro. Arquivo: Amélia Conrado.

Pela vasta difusão deste segmento de capoeira, inúmeras academias, escolas, fundações, projetos são existentes em nosso estado, no Brasil e no exterior, o que requer estudos sistemáticos, inclusive, para levantamento quantitativo e qualitativo dessa formação.

Pelas razões abordadas, concluo que, em qualquer instância da prática de ensino da capoeira, seja angola, regional ou outra especificidade, é imprescindível tratar de sua historicidade com responsabilidade, discernimento, visão e compreensão crítica da diversidade, sob risco da negação da matriz original e identitária que se constitui fundamentalmente, por uma linguagem da expressividade corporal afro-brasileira. A Bahia, de maneira singular, possui dois estilos de base fundamental, em que a diferença deve ser afirmada e entendida como uma riqueza, um valor cultural a ser preservado.